

## BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS "ESQUECIDOS"

### Uma Exposição de Artes Plásticas & Uma Experiência em Arte-Educação

Lucimar Bello Pereira Frange\*

*"A Experiência de uma pessoa é sempre superior à sua compreensão, e é a experiência mais do que a compreensão que influencia o comportamento, especialmente nas questões coletivas que dizem respeito aos meios e à tecnologia, de cujos efeitos, quase inevitavelmente, o indivíduo raramente se dá conta."*

Marshall MCLUHAN

*... "arte na classe infantil deverá ser, em geral, inseparável das outras atividades. Não pensar em termos de arte especial ou idéias científicas."<sup>1</sup>*

Tom HUDSON

Dentre as minhas experiências vivenciadas na área de Artes Plásticas e Arte-Educação, recorro para reflexão brincadeiras e brinquedos "esquecidos", com o intuito da troca dos fazeres, permitindo às pessoas entrarem em meu mundo, em nossos mundos e eu me permitindo entrar nos mundos dos outros homens, dos seres humanos.

Tenho denominado minhas experiências como "Tempo & Espaços Vitais", entendendo o *tempo* como disponibilidade para a vida, como organização para transformações da realidade, para um homem mais crítico e reflexivo, enquanto vivente de um mundo dialogal; os *espaços vitais* como a totalidade dos eventos possíveis e "impossíveis", previsíveis e imprevisíveis, não o que está e permite ser planejado, mas também o que pode vir-a-ser; a forma como "o que está pré-figurado em todo curso vital da experiência em desenvolvimento"<sup>2</sup>.

#### UMA EXPOSIÇÃO DE DESENHOS – Lucimar Bello.

Uma série realizada em 1984 sobre papel (50 x 70 cm), técnica mista, aerógrafo, frottage, lápis de cor, nanquim. Os temas, os brinquedos e as brincadeiras, sempre coletivas, nossos brinquedos, nossas brincadeiras.

A partir de títulos a sugestão e até mesmo indução aos espectadores e fruidores de algumas leituras:

Para as Bolhas de Sabão,  
Para o Arco-Íris,

\* Artista plástica & professora da Universidade Federal de Uberlândia.

1. HUDSON, Tom. **Educação criadora**. Rio de Janeiro, Escolinha de Arte do Brasil, 1974. (mimeo). p. 36.
2. DEWEY, John. **El arte como experiência**. Trad. Samuel Ramos. México/Buenos Aires, Fondo de Cultura, s.d. p. 23.

Para os Piões,  
Para os Balões,  
Para as Bicletas,  
Para as Cartas de Baralho,  
Para as Bandeirinhas de Papel,  
Para os Espelhos,  
Para os Caleidoscópios.  
Para as Bonecas e os Bonecos  
que somos.

Ao mesmo tempo, algumas lembranças:

Para Glauber Rocha (o cinema),  
Para Macunaima ("o herói sem nenhum caráter". A peça montada por Antunes Filho),

Para Guimarães Rosa (a literatura),

Para Alcía Alonso (a dança),  
Para as Montanhas de Minas,  
Para os Cerrados de Minas.

Transcrevo parte do texto de apresentação do catálogo-convite:

"Neste novo percurso uma surpresa: a sensualidade adolescente e a magia infantil não nos abandonaram. Vivem em nós, ocultos sob camadas de sombras produzidas pelo comércio diário. Há que enfrentar as trevas para se alcançar a luz e seus habitantes. E Lucimar os alcançou: seus desenhos revelam aquilo que em nós julgávamos perdido, o mundo mágico da adolescência e da infância." (João Francisco Duarte Júnior)

Brincadeiras e Brinquedos "esquecidos", uma Experiência em Arte-Educação, entendido o brincar como exercício da vida imaginativa, exercício entre fantasia e realidade. Entendido

como experiência cultural em todos os sentidos; como pensamento mágico encontrado também nos rituais primitivos; como processo de organização do subjetivo para o objetivo, do individual para o coletivo; como forma de expressão que produz símbolos; como elemento dos homens com seu meio e dos homens entre si. As brincadeiras, os jogos como a ligação entre o mundo interior e a realidade, permeando o cotidiano.

Entendida a atividade lúdica como uma atividade na continuidade tempo-espço. O brinquedo permitindo à criança reconhecer o seu Eu e o que a cerca; o jogo permitindo a interligação entre realidade externa e realidade interna. O brinquedo permitindo vôos, vivências sociais, afetivas, corporais, aumentando as relações corpo/espço/tempo;

Brincadeiras e Brinquedos "Esquecidos", os brinquedos artesanais: os piões, o carrinho de bois, o caminhão de madeira, os toquinhos, o caleidoscópio, os brinquedos de lata, as bolas de gude coloridas (brancas foscas com listras coloridas, verdes, azuis transparentes, grandes, pequenas), as bolas de palha trançada, pedaços de barbante, tiras de papel crepon coloridas, listradas, boladas, implicando em descobrir, inventar, investigar.

Os jogos entendidos como artes populares, reações coletivas e sociais da cultura. Os jogos como extensão do homem social e do corpo político, como as tecnologias que são extensões do organismo animal. Os jogos incorporando tanto as ações como as reações das crianças numa única imagem dinâmica.

O jogar o pião, a bola de gude ou

birosca, as bolas de palha servindo para liberar tensões particulares, para liberar formas artísticas pessoais e coletivas.

Os jogos nos transformando em bonecos temporários.

"Sem arte e sem as artes populares dos jogos, o homem tende a afundar-se no automatismo."<sup>3</sup>

O jogo entendido como extensão do indivíduo em grupo, como Arte, propiciadores e tradutores de experiências vitais, deslocando experiências vividas para novas possibilidades.

"O desenho para a criança é jogo como qualquer outro, é um jogo entre intenção e representação."<sup>4</sup>

"O jogo nas crianças é expressão da relação da criança com a vida. A arte é forma de jogo."<sup>5</sup>

"O jogo é forma de arte."<sup>6</sup>

"A Expressão para a criança é jogo e trabalho, toma e dá, relaxa e vivifica ao mesmo tempo."<sup>7</sup>

O documentário, além de fotografias em preto e branco, tem o uso do vídeo-cassete no primeiro momento como registro da experiência (que por falta de recursos não funcionou o dia todo, deixando de documentar momentos intensos de atividades plástico-coletivas).

Num segundo momento o vídeo é usado como motivação, como lembrança dos momentos "esquecidos". O re-

torno a 1984, à "auto-imagem-simulacro" de um outro tempo. A releitura de uma experiência vivida, agora re-vivida. O uso da televisão e o espectador ativo, imagem de si mesmo, rindo coletivamente. O "empréstimo dos corpos", de reações, de interligações, "corpos-artistas", "crianças-artistas de TV", receptoras e fruidoras de si mesmas.

O uso da televisão como possibilidade de mover a imagem e o som conjugados com movimentos de inteligência e do espírito. A televisão reabastecendo o arsenal das informações, influenciando sobre a avaliação.

"Aprender a praticar a recepção dos 'media' com qualidade pessoal e social, apresenta-se à nossa realidade, como sendo, dentre outros, um desafio da natureza educacional e comunicacional. Aprender a ser 'comunicados', diante de um processo-projeto-vida, significativo para as crianças e para os professores."<sup>8</sup>

Brincadeiras e Brinquedos "Esquecidos" e imagens televisadas se complementando, dialogando, o artesanal e a informática, cada um no seu espaço, mas ambos se gerando e se nutrendo.

As Atividades: (Histórico)

Em 1984, a Escola de Educação

3. MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix, 1969.

4. LUQUET, G.H. **Le dessin infantil**. Paris, Lib. Félix Alcan, 1927. p. 15.

5. READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo, Martins Fontes, 1982. p. 137.

6. idem, *Ibidem*. p. 137.

7. STERN, Amo. **Aspectos e técnicas de pintura de crianças**. Lisboa, Livros Horizonte/LDA, maio/74. p. 99.

8. FUSARI, Maria F. de Rezende. **Pica-Pau**; programação televisiva infantil – telespectador paulistano da pré-escola: práticas sociais de desinformação e deseducação em reciprocidade de eleitos. São Paulo, IPUSP, 1982 (Tese mestrado). p. 261.

Básica da Universidade Federal de Uberlândia, dentro do Projeto Biblioteca Escolar/Promoções Culturais, me fez o convite para realizar uma Exposição de meus trabalhos para as crianças de 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries. Em princípio, o encontro, o diálogo entre o artista-a obra-as crianças.

Entendendo arte-educação como muito mais ampla que apenas o binômio interligado por um hífen; arte-educação como ação cultural, um diálogo permanente entre educador-educando-expressões e entre ambos com o contexto social, uma prática de comunicação permeada por uma relação dialógica, interligada, libertadora e emancipadora, me propus a um trabalho mais amplo; mostrar e discutir meus desenhos seria muito pouco.

A diretora da Escola, Abigail Emília Bracarense, a professora responsável pela Biblioteca, Marília Mazzaro de Melo e Pinto, e eu discutimos a proposta, que originou um impresso, cartaz-convite entregue às crianças, para virem à Biblioteca para nosso encontro.

#### As Propostas:

Começam com uma seleção minha do que mostrar as crianças, uma retrospectiva, uma série? Qual? Quantos desenhos? Defino e definimos, Abigail, Marília e eu, pela série mais recente, a dos Brinquedos (descrita na introdução).

Como mostrar, discutir, vivenciar a experiência com as crianças?

O espaço a ser usado, a Biblioteca. Primeiro o espaço como área livre para nos concentrarmos. Não há painéis na Escola. Tiramos as cadeiras, as mesas de leitura. Os desenhos emoldurados são colocados no chão, encostados nas prateleiras e nas pare-

des. Nos sentamos. O chão é nosso Espaço.

As 3<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries (2 de manhã e 2 à tarde), formaram quatro grupos de trabalhos que num primeiro momento tiveram atividades comuns, depois as propostas eram diferenciadas para cada grupo, para que as crianças tivessem condições de multiplicar pelo "contar o vivido", mais vezes ainda, suas expressões plásticas, verbais, corporais, "multiplicar" o "BRINCAR".

#### 1º MOMENTO – "O VISITAR OS BRINQUEDOS".

Observar os desenhos, com minha disponibilidade para perguntas. Porque o desenho? Como foi feito? O que quero dizer? Quanto custa? É difícil? Desenha há muito tempo, desde pequena?

"O Encontro, o RE-ENCONTRO com os Brinquedos Artesanais."

Entre as 230 crianças envolvidas no Projeto, apenas 5 conheciam o caleidoscópio e 4 sabiam rodopiar o pião. O ver, o sentir, o brincar.

#### 2º MOMENTO – Propostas diferenciadas: "VIVÊNCIAS"

##### 1º grupo:

Após o primeiro momento, as crianças sentaram no chão de olhos fechados. Receberam bolas de gude para que adivinhassem as cores (a dificuldade por parte de alguns do silêncio e da concentração associada à curiosidade de saber e ver o que estava acontecendo).

A tentativa de ver, através da bola de gude, no imaginário, novos brinquedos (algumas crianças não conseguiram sonhar, não se dispuseram ao sonho, falta-lhes o hábito da fanta-

sia, não faz parte de seus repertórios).

Em seguida representaram as imagens sonhadas, descobertas nas bolinhas, num papel de 2 x 2 m, estendido no chão com canetas hidrocor. Surgem novos brinquedos, imaginados uns, reproduzidos outros, como os vídeo-games e os computadores.

2º grupo:

Posterior ao 1º momento, as crianças construíram no chão, cada uma, a 1ª letra do seu nome com um pedaço de barbante e percorreram o desenho com a bolinha de gude. Em seguida, montaram em grupos, com o barbante e as bolas de gude, um desenho contando sua história (alguns inventaram, a maioria inibida, "padronizada", reproduziu: "era uma vez").

"O Palhacinho Totó"

Um palhaço desenhado no chão.

- . com barbante – o rosto, as orelhas, a boca;
- . com bolas de gude – os olhos, os brincos;
- . com toquinhos vermelhos – os lábios.

À medida em que a história ia sendo contada por uma criança do grupo, outra transformava o palhaço. No começo tinha os olhos diferentes (bolas de gude de tamanho e cores variadas).

O Palhaço dorme e acorda com os olhos iguais (muda as bolas, agora iguais), está sério e sorri (mexem no barbante), e assim o palhaço vai se transformando, dinamicamente.

3º grupo:

"Visitados" os desenhos e

"Brincados" os brinquedos, as crianças sentam-se no chão e recebem fitas largas de papel crepom coloridas. Em grupo, montam desenhos, brinquedos novos a partir das associações.

Deram-lhes nomes criados no momento: "Vestido de Baiana", "Bagunças", "Arco-Íris", "Delfim Neto", "Palhaços", "Gravatas".

4º grupo:

Questionaram os desenhos. Como? A técnica, o processo de criação, a cor. Descobriram os brinquedos, associaram as fitas de papel crepom construindo novas imagens, contando suas histórias.

A surpresa da gravação, o ouvir as próprias vozes, os comentários, o incômodo dos barulhos também gravados.

### 3º MOMENTO: REFLEXÃO

Com todos os grupos conversei no final e ficou claro:

- . "como foi gostoso brincar",
- . como ainda estamos presos ao "era uma vez",
- . como se inicia um processo de criação.

Em resumo, através de BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS "ESQUECIDOS", trabalhamos nossas expressões plásticas, corporais, verbais, numa associação de nossos mundos internos e de nossos mundos externos.

"A questão é repensar a educação sob a perspectiva da arte. Educação como atividade estética. . .

Dizer que a educação é atividade irmã do brinquedo e da arte é denunciar a repressão, lembrar o paraíso perdido, anunciar a possibilidade da alegria, rejeitar as experiências fragmentadas, buscar a experiência perdida da cultura dilacerada pela sistemática administração centralizada da vida que, em nome da eficácia, quer gerenciar todas as

coisas."<sup>9</sup>

Acreditando que aprender e apreender é descobrir, concordo plenamente com Waldir Sarubbi: "o professor deve criar um ambiente propício para que as crianças descubram as coisas, deixando-as à vontade, respeitando esse processo criativo, permitindo que elas manipulem as coisas e elaborem as coisas que têm dentro delas através das linguagens artísticas."<sup>10</sup>

... "A essência do brincar não é um 'fazer como se', mas um 'fazer sempre de novo', transformação da experiência mais comovente em hábito."<sup>11</sup>

## CONCLUSÃO

Transcrevo conceituações de educadores, quanto à expressão e análise a produção plástica das crianças envolvidas, expressões plásticas, expressões verbais (textos, depoimentos, histórias, gravações), observação participante.

### *Conceituações:*

Herbert Read conceitua "a expressão livre ou espontânea como exteriorização sem constrangimento das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensações, intenção";<sup>12</sup>

Montessori, "a expressão livre, expressão do próprio eu da criança, dos seus pensamentos";

Luquet, como "realismo falhado,

fortuito, intelectual e narração gráfica";

Wallon critica Luquet, situa interações interfuncionais em três níveis: 1. motor, 2. perceptivo, 3. representacional.

Stern, "a expressão é concretizada em símbolos como fruto de uma prática constante em ateliês. Há um jogo de relações entre imagens, sensações, experiências e símbolos, sentimentos, consciente e inconsciente."

A expressão como forma de humanizar os homens. A educação criadora tendo como objetivos: desenvolver a personalidade, formar o caráter, proporcionar o sentido da responsabilidade, tornar a pessoa sociável, sem complexos, criar condições de linguagem, proporcionar o requintamento do Ser.

Stern vê o termo "expressão livre" como pleonasma. Sugere que repensemos a expressão, esquecendo tudo o que assemelha a qualquer forma de arte. Diz mais, "se não salvaguardarmos a expressão, teremos no mundo civilizado homens desumanizados, esmagados por noções intelectuais e desprovidos de criatividade, recusando toda manifestação sensorial."<sup>13</sup>

Dewey - "a experiência é o resultado, o signo e a recompensa da interação do organismo e do ambiente, que quando se realiza em plenitude é uma transformação da interação em participação e comunicação."<sup>14</sup>

- 
9. ALVES, Rubem apud, DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo, Cortez, 1982. p. 10-11.
10. SARUBBI, Waldir. Arte para o desenvolvimento afetivo in: Quem é o educador? ARTE, São Paulo, Max Limonad, 1982 (4) p. 9-10.
11. BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo, Summus, 1985, p. 75.
12. READ, Herbert. op. cit. p. 139.
13. STERN, Arno. **Uma nova compreensão da arte infantil**. Lisboa, Livros Horizonte, LDA, s. d. p. 16.
14. DEWEY, John. op. cit. p. 22.

Interpreto a expressão como forma de comunicação e inter-comunicação dos homens com o mundo e dos homens entre si, através das sensações, sentimentos, experiências, através de seus corpos, dos seus gestos, de modos de ser e estar no mundo.

Após uma análise dos desenhos enquanto expressões plásticas, vêem-se "imagens residuais", para Stern, elementos que, combinando-se, geram as figuras do vocabulário infantil.

Depois de "vistos, discutidos os desenhos, brincados" os brinquedos, as imagens são o jogo de futebol, representado em plano deitado. Uma vista aérea, o "espaço topológico"<sup>15</sup> (dos 8 aos 9 anos), segundo Florence de Meredieu; a montanha, a árvore, a cobra, a casa, nem sempre estereotipada, mas muitas vezes "rede de afetos, espaço mítico, espaço cósmico, espaço orgânico".<sup>16</sup> As casas como habitat tradicional e não como espaço utópico.

Aparece a televisão com "rosto humano". A criança mantém relações muito particulares com o mundo, humaniza os objetos. "Aparece o triângulo como tenda, como barraca que encerra um personagem no seu interior."<sup>17</sup>

É evidente nos desenhos a influência dos mass-media, a influência das imagens do mundo moderno, do mundo eletrônico. O universo da criança é modelado pelos mass-media; a televisão como "imprensa" infantil, o desenho animado com grande força na expressão das crianças. Vivem num

universo de informações sociais, de informações culturais, sendo a cultura "a busca de uma consciência em face da civilização industrial que constitui o único meio cultural de maioria crescente da população."

... "Se quisermos compreender a 'civilização infantil', será preciso, por nossa vez, limpar as portas da percepção (William Blake), liberar-nos deste saber livresco e esclerosado que mascara a estrutura do mundo em que vivemos."<sup>18</sup>

Os brinquedos "brincados" aparecem em alguns desenhos; o pião enrolado no barbante sugerindo movimento; o caminhão, o jogo da velha talvez associado aos jogos brincados na sala de aula. Aparecem desenhos de bonecos, projeção do esquema corporal, o antropomorfismo que anima personagens e objetos, o "boneco-batata", o "boneco-girino", o "boneco-palito". Esse último, representação esquemática, "grosseira" do adulto. Os bonecos são ainda evolução para figuração mais aproximada do real.<sup>19</sup> Surgem bonecos-relógios, bonecos-TV, "retratos" de uma era informatizada, eletrônica, mil botões, mil engrenagens.

Em BRINCADEIRAS E BRINQUEDOS "ESQUECIDOS", uma produção pessoal e atividades de arte-educação, fica clara a fruição "partitiva", não apenas participativa; onde as crianças são também partes, uma fruição expressiva, associando experiências vividas, vivenciadas pessoal e coletivamente.

15. MÉRÉDIEU, Florence. **O desenho infantil**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini, São Paulo, Cultrix, 1979. p. 50.

16. Idem, *ibidem*. p. 51.

17. STERN, Arno. **Interpretación del arte infantil**. Buenos Aires, Kapeluz, 1969. p. 18.

18. PÉTILLON, Pierre-Yves apud MÉRÉDIEU, Florence de. *op. cit.* p. 111.

19. Idem, *ibidem*, p. 24-5.

ARTES PLÁSTICAS & ARTE-EDUCAÇÃO como trabalho, como exercitar a consciência, um exercício

de SER mais crítica e reflexivamente, solidariamente com e entre as pessoas com as quais vivemos e com-vivemos.



Para o Arco-Íris



Para as Bonecas





